

Transições

Centro Universitário Barão de Mauá

<https://doi.org/10.56344/2675-4398.v1n1a2020>



Título

Futuros em fuga, tecnologia e o colapso do entendimento em tempos de mudanças sem precedentes: entrevista com Zoltán Boldizsár Simon

Organizador e tradutor

Felipe Ziotti Narita*

Ano de publicação

2020

Referência

SIMON, Zoltán Boldizsár; NARITA, Felipe Ziotti. Futuros em fuga, tecnologia e o colapso do entendimento em tempos de mudanças sem precedentes. **Transições**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, 2020.

Recebimento: 23/03/2020

Aprovação: 27/05/2020

* Realizou pós-doutorado em ciências sociais na USP e na UFSCar e doutorado na Unesp. Pesquisador associado da Fapesp e docente do Centro Universitário Barão de Mauá. Membro do grupo de pesquisa Historiar (CNPq) e do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Juventude e Educação da USP. Contato: felipe.narita@baraodemaua.br

FUTUROS EM FUGA, TECNOLOGIA E O COLAPSO DO ENTENDIMENTO EM TEMPOS DE MUDANÇAS SEM PRECEDENTES

Entrevista com Zoltán Boldizsár Simon

Organização e tradução: Felipe Ziotti Narita

ZOLTÁN BOLDIZSÁR SIMON

Zoltán Boldizsár Simon é pesquisador da Universidade de Bielefeld (Alemanha) e professor assistente da Universidade de Leiden (Países Baixos). Suas pesquisas têm sido construídas a partir de interfaces entre o pensamento histórico e as mudanças sociais decorrentes da tecnologia e do antropoceno no mundo contemporâneo. Ele é autor, entre outros, de *The epochal event* (Palgrave, 2020), *History in time of unprecedented change* (Bloomsbury, 2019) e *Os teóricos da história tem uma teoria da história?* (Milfontes, 2019). A presente entrevista, resultado de nossos diálogos construídos entre janeiro e maio de 2020, oferece um painel de potencialidades do trabalho interdisciplinar em ciências humanas e sociais, bem como uma reflexão sobre o lugar da pesquisa social diante da aceleração das transformações socioculturais e técnicas. Em meio à elaboração da entrevista, fomos surpreendidos pelos efeitos transnacionais da pandemia: a mobilização do campo epistemológico das humanidades para o entendimento das “mudanças sem precedentes”, portanto, torna o material aqui publicado ainda mais urgente e relevante para o debate público.



Felipe Ziotti Narita: “Mudanças sem precedentes” e “tempos disruptivos” são termos geralmente associados aos signos das profundas transformações sociotécnicas da nossa época. Essas expressões ilustram uma espécie de suspensão e mesmo de desorientação em relação ao futuro: em vez das promessas de emancipação contidas nas ideologias da evolução social e do

progresso (que dominaram o imaginário social entre o fim do século XVIII e o início do XX), as noções de “disrupção” e de “mudanças sem precedentes” abrem um futuro que parece muito mais indeterminado e mesmo ameaçador. O que significa viver em uma época de mudanças sem precedentes?

Zoltán Boldizsár Simon: É difícil captar o sentido exato de o que significa viver em tempos de mudanças sem precedentes, pois cada dia parece trazer um tipo de novidade que implica a volatilização de crenças estabelecidas e, por vezes, de nossa visão de mundo. Tecnologias digitais, inteligência artificial, perspectivas de emulação cerebral, bioengenharia e biologia sintética, o antropoceno e as alterações antropogênicas no sistema terrestre parecem desafiar todos os nossos sistemas de crença e o alcance dos conceitos com que entendemos o mundo. Cada um desses elementos representa perspectivas tão radicais e novas que as desgastadas ideologias políticas herdadas do século XIX jamais poderiam conceber. Em nossos projetos acadêmicos, tentamos compreender esses processos e seus fundamentos sociais. Dificilmente conseguimos conceber as complexidades que emergem das interações entre os processos justamente porque tentamos entender os desafios separadamente.

A palavra “sem precedentes” circula aqui e ali, descrevendo essas novidades – basta ligar o noticiário ou o *feed* de notícias das redes sociais. Eu tentei elevar a palavra a um conceito – o de “mudanças sem precedentes” – a fim de capturar o modo atual de experiência do tempo e de expectativa, ou seja, um modo de concepção de nós mesmos como históricos em um novo sentido. Justamente porque as novidades radicais aparecem de muitas maneiras, estou mais interessado no que as agrupa do que no conteúdo efetivo das novidades que anunciam uma reconfiguração na nossa visão de mundo. Essa, sem dúvida, é uma grande questão a ser compreendida pela percepção da historicidade de vivermos em tempos de mudanças sem

precedentes, mas trata-se apenas de uma fração de um quadro mais amplo que nós ainda não entendemos. No século XXI estamos percebendo o quão profunda é nossa falta de entendimento do mundo que nós criamos. E é exatamente isso que a noção de “mudanças sem precedentes” pode captar: o mundo nos excede, ele ultrapassa nossos conceitos, significados e modos de entendimento. Estamos começando e reconhecer que testemunhamos imensas mudanças sem que sejamos capazes de entender o que essas mudanças trazem ou significam.

Felipe Ziotti Narita: Desde o século XIX percebemos maneiras difusas de aceleração das transformações sociotécnicas. Paralelamente a transformações profundas na tecnologia (transportes, ferramentas digitais, estruturas de comunicação, etc.) e nas relações sociais (família, gênero, trabalho, etc.), as estruturas temporais das interações humanas e os regimes de mudança também foram afetados. Como as acentuadas mudanças tecnológicas produzem transformações na estrutura temporal das sociedades contemporâneas?

Zoltán Boldizsár Simon: Bem, se você pergunta a respeito da estrutura temporal das sociedades contemporâneas, então eu diria que a transformação mais espetacular a esse respeito é a dessincronização das temporalidades subjacentes a diversos domínios da ação humana. No epílogo do livro, destaquei uma instância dessa dessincronização, a saber, a relação entre o tempo da política e o tempo dos prospectos ecológicos e tecnológicos das mudanças sem precedentes. A dessincronização, hoje, ocorre no contexto de processos modernos sincronizados. Helge Jordheim (2014) recentemente mostrou como a modernidade ocidental esteve profundamente vinculada à sincronização de múltiplas temporalidades por meio dos conceitos de “progresso” ou da própria “história”. O processo histórico, em sentido amplo, supostamente unificaria e

sincronizaria os desenvolvimentos do mundo humano. Hoje, independentemente de nossa vontade, creio que sequer temos a oportunidade de sincronia, porque não há processos com tempos dessincronizados, tal como preconiza a interessante teoria da aceleração social (ROSA, 2013), mas diferentes tipos de mudanças dessincronizadas junto às quais as mudanças processuais (tipicamente associadas ao tempo histórico) são apenas um exemplo.

Há o surgimento de tecnologias que estão fora do nosso controle, com chances limitadas para avaliação de suas implicações após o uso. Temos mudanças exponenciais na computação que podem sinalizar um oceano de mudanças, caso a computação quântica se torne realidade. A ciência do sistema planetário indica que estamos enfrentando mudanças abruptas nas condições do planeta em função de nossas próprias ações. Paralelamente, com ou sem razão, nós ainda compreendemos esses processos por meio de narrativas de desenvolvimento preocupadas em contar como chegamos até aqui, ainda que esses processos de desenvolvimento não deem conta de abarcar as próprias mudanças planetárias abruptas. Há, então, a esfera econômica, as transformações sociais, etc. Quando a modernidade colocou as mudanças tecnológicas a serviço da mudança política – ao lado de ideologias portadoras de visões sobre o que seria bom ou desejável para a constituição da sociedade –, a sincronização da mudança no domínio tecnológico com visões da mudança sociopolítica implicou uma redução efetiva da complexidade. Na condição contemporânea de temporalidades dessincronizadas, contudo, a complexidade está fora de controle. Vemos que todos esses domínios dessincronizados interagem, mas não é simples compreender como ocorre essa interação.

Isso retoma meu argumento anterior: renunciamos a entender o que está ocorrendo. E essa renúncia é, na verdade, a renúncia de nosso regime de saber, herdado da modernidade, no qual as disciplinas seguiam uma divisão do trabalho, cada qual

investigando uma parte de um todo sincronizado. Mas tais saberes disciplinares não podem compreender a complexidade de domínios dessincronizados em interação, especialmente quando lidamos com a colisão entre os mundos humano e natural junto às mudanças planetárias antropogênicas e aos ecos dessas mudanças nas transformações sociais. Acho que estamos assistindo a um rearranjo dos saberes em resposta a essas complexidades. Estamos aprendendo a lidar com elas, com novas formações de saberes, tais como a ciência do sistema terrestre, integrando muitas disciplinas das ciências naturais, ou as humanidades ambientais, agrupando muitas disciplinas anteriormente ligadas às humanidades e às ciências sociais. A partir de seus respectivos pontos de vista, ambos os movimentos tentam compreender o entrelaçamento entre os mundos humano e natural por meio da tecnologia. Mas mesmo tais saberes estão ainda muito ligados à distinção moderna entre as *Naturwissenschaften* e as *Geisteswissenschaften*. Essa distinção pode ser superada? Podemos contar com saberes que compreendam as complexidades do entrelaçamento entre o humano e a natureza? Algumas dessas questões sobre o rearranjo dos saberes aparecem em um segundo livro intitulado *The Epochal Event* (2020), que deve ser publicado daqui a poucas semanas.

Felipe Ziotti Narita: Mas o que esse rearranjo dos saberes significa para a história como campo do conhecimento? As humanidades, área de pesquisa estabelecida desde o final do século XVIII e início do XIX, dependem de uma concepção histórica do humano baseada em algumas características distintivas (linguagem, trabalho, moralidade, corpo e história). Trata-se do duplo empírico-transcendental foucaultiano, ou seja, o ser humano é simultaneamente sujeito e condição de possibilidade de um objeto do conhecimento. Você vem defendendo uma nova noção de história que, no limite, tende a deslocar aqueles

pressupostos clássicos das humanidades. Como sua proposta lida com as relações entre o humano e o meio não-humano, especialmente à luz da lógica pervasiva da automação e da tecnologia no mundo da vida?

Zoltán Boldizsár Simon: De fato, com Marek Tamm, tento abordar o que tudo isso significa para a história e o pensamento histórico, tendo em vista uma nova noção de história (TAMM; SIMON, 2020). Estamos tentando entender a relação entre humanos e não-humanos mencionada por você e em alguma medida indicar que o antropoceno, o pós-humanismo crítico das humanidades, o projeto transhumanista de melhoramento e de projeção para além da condição humana e o discurso da singularidade tecnológica não são desafios separados. Tentamos posicionar as mudanças tecnológicas nesse quadro mais amplo de rápidas mudanças na visão de mundo, estudando como isso demanda uma reflexão sobre a história em seu sentido mais amplo. Esse é o motivo por que nos juntamos. Você pode ser um gênio, um polímata ou um grande sintetizador de saberes, mas fisicamente não há possibilidade de compreender todas essas mudanças – pelo menos não na profundidade comparável a um trabalho conjunto. Hoje precisamos de colaboração, mesmo nas humanidades, além do equilíbrio entre confiar no trabalho de colegas e desafiar as visões recebidas. É assim que estou juntando forças com Marek para defender uma noção de história que, cremos, pode abarcar as mudanças amplas; uma noção de história que é multiespécie, multi-escalar e não-contínua.

Felipe Zioti Narita: Você afirmou que a mudança tecnológica implica uma reflexão sobre a história e talvez implique a construção de uma noção mais ampla de história. Desde os anos 2000, muitos debates a respeito de uma época presentista emergiram nas humanidades. O presente inflado seria um signo da erosão de valores tradicionais (passadismo) e da crise das

utopias a partir dos anos 1980 (encampadas em projetos políticos futuristas). Em vez de um presente inflado, estamos caminhando rumo a novas utopias e visões orientadas a futuros baseadas na tecnologia? Essa utopia pode se tornar uma nova distopia?

Zoltán Boldizsár Simon: Há muitas questões complexas de uma só vez. Deixe-me começar pelo presentismo. Aleida Assmann (2013) e Hans Ulrich Gumbrecht (2014) desenvolveram ideias fascinantes a respeito, mas acho as visões de François Hartog (2015) mais elaboradas. Isso não necessariamente significa que eu concorde com elas, mas fui sortudo o bastante para discutir muitas questões com Hartog durante os dois meses em que ele esteve em Bielefeld na condição de primeiro Professor Koselleck em 2018. A ideia do presentismo é inseparável da categoria de Hartog ligada aos “regimes de historicidade”, referência às configurações do passado, presente e futuro. O presentismo, conforme Hartog, é o regime de historicidade dominante no mundo ocidental, de modo que o presente domina o passado e o futuro. Desde os anos 1980, ele tem tomado a posição de dominância dos regimes de historicidade modernos orientados para o futuro. Minha relação com essa ideia é complexa. Ela é muito boa para o campo da política, na medida em que o futuro deixou de estruturar as experiências do tempo. As ideologias que prometiam melhoramento sociopolítico atravessaram a modernidade ocidental, mas seu apelo está perdido. Como ideologias “históricas”, elas dependem de experiências de um processo histórico orientado para o futuro, algo que parece menos atraente hoje. Hartog acredita que os discursos sobre a memória, a herança (em relação ao passado) e o pensamento de precaução (em relação ao futuro) tomaram o lugar de uma historicidade orientada para o futuro. Minha tendência é concordar com ele em relação a esse rearranjo do campo sociopolítico. Mas não vejo o regime de historicidade prevalecente hoje como presentista.

Acho que – e no primeiro livro dedico muita atenção a isso – as perspectivas tecnológicas e ecológicas compõem um futuro tão radical quanto antes. A radicalidade desse futuro reside, em boa medida, em sua característica pós-histórica: ele não resulta de um processo histórico e não promete melhoramento sociopolítico. O quadro típico para a discussão dos futuros tecnológico, ecológico e ambiental é, como você nota, distópico. Em questão de instantes, hoje parece muito simples a projeção de catástrofes sobre nós mesmos em função das atuais tecnologias. E isso nada tem a ver com um processo histórico gradativamente se movendo rumo a formas melhores de vida coletiva. Algumas perspectivas, contudo, parecem utópicas a seus defensores. O transhumanismo, por exemplo, advém de uma perspectiva de melhoramento para aqueles que superarem suas limitações biológicas. Algumas versões do transhumanismo são explicitamente orientadas em sentido político e propõem conexões com ideologias passadas. Mas o objetivo primário é a transformação biológica, pois essa questão define o transhumanismo, de modo que o resto surge no rescaldo disso. Eu geralmente enfatizo que, em alguma medida, há componentes distópicos nessas perspectivas, ainda que os componentes pareçam utópicos. Não duvido de que resquícios utópicos estejam ainda presentes hoje, mas vejo uma transformação estrutural no pensamento utópico, de modo que a utopia deixa a esfera sociopolítica e se torna inerentemente distópica, já que as mudanças observadas são insondáveis para nossas limitadas habilidades cognitivas humanas.

Felipe Ziotti Narita: O transhumanismo é um bom exemplo da relação entre a mudança tecnológica e a sensibilidade histórica contemporânea, ao menos junto a seus mais proeminentes defensores como Nick Bostrom e Mark O’Connell. Eles argumentam a respeito da potencialidade dos aparatos tecnológicos como formas da razão aplicada para algo além e

melhor do que a condição humana e suas limitações próprias. Parece, então, que o transhumanismo introduz processos que não são propriamente concebidos como uma mudança desenvolvimentista, tais como perspectivas de transformação ancoradas em estágios históricos e processos cumulativos (modernização), certo?

Zoltán Boldizsár Simon: Sim, com uma modificação crucial. Você mesmo formula a pergunta fazendo referências a processos introduzidos pelo transhumanismo, atestando claramente quão arraigada é a suposição de que a mudança histórica acontece através de processos de desenvolvimento. Apontando para a visão transhumanista do futuro, tento enfatizar que, quando o transhumanismo visa proporcionar uma condição que não é simplesmente uma condição humana melhor mas algo melhor do que o humano, ele projeta um futuro outro que não o humano. Na medida em que o futuro é outro que não o humano, temos uma clara dissociação entre o passado humano e o futuro outro que não o humano. Não é possível contar uma narrativa histórica de um processo de desenvolvimento que leva de um momento a outro, pois a mudança não é uma mudança na condição do sujeito. Os futuros transhumanistas não são desenvolvimentos na condição do sujeito humano; eles imaginam a supressão do sujeito humano, tendo em vista outro sujeito (SIMON, 2019b). Quando você escreve uma história de maneira moderna, você escreve a história de algo e esse “algo” representa qualquer sujeito possível. Você conta como esse sujeito se desenvolveu ao longo do tempo, mas você preserva um alcance junto ao qual reconhece o sujeito ao longo de todo seu curso de desenvolvimento. É neste ponto que reside a radicalidade do futuro transhumanista: o sujeito que não o humano não pode ser reconhecido como uma continuação de um sujeito humano anterior. Espero que minha proposta esteja mais ou menos clara, porque mesmo os transhumanistas não compreendem suficientemente o que há diante deles. Eles reivindicam a tarefa

de simplesmente seguir adiante com o projeto do iluminismo. Mas a efetivação de uma condição diferente da humana – mesmo que nós, humanos, concebamos essa condição como melhor em um ou outro sentido – não poderia estar mais distante dos ideais iluministas de perfectibilidade de uma essência humana já predisposta e sempre reconhecível.

Felipe Ziotti Narita: Na esteira dos efeitos pervasivos das tecnologias digitais, das plataformas e das redes, estamos discutindo muito a questão das humanidades digitais e a maneira como fazemos pesquisas, no campo das humanidades, diante dessas mudanças. Como você encara os desenvolvimentos epistemológicos e os desafios para a pesquisa e o ensino de humanidades e de ciências sociais em meio a essa mudança sociotécnica?

Zoltán Boldizsár Simon: Essa é uma questão muito difícil e há um campo acadêmico inteiro dedicado a explorar esses temas. Eu não me arrogo de qualquer expertise em humanidades digitais, então posso apenas compartilhar minhas impressões gerais na adoção de tecnologias de pesquisa em história em particular e nas humanidades em geral. As humanidades parecem conservadoras, quando comparadas com outras ciências – e mesmo quando comparadas com as ciências sociais. Se você foca apenas em questões pequenas, com novas formas de publicação e de revisão por pares adaptadas às tecnologias digitais, as inovações ocorrem tipicamente no campo da publicação científica. E a história não é uma das disciplinas das humanidades mais afeitas às novidades. Há dez anos, quando Ann Rigney (2010) escreveu o artigo “When monograph is no longer the medium”, ela provavelmente não imaginava que dez anos depois a monografia ainda seria dominante e que o pesquisador não é levado a sério se não apresenta uma monografia acadêmica em história (sem mencionar que a

monografia ainda dominante é o livro impresso). Outras disciplinas podem ser mais adaptáveis e sem dúvida há muitas formas pelas quais o conhecimento acadêmico das humanidades foi enormemente transformado pelas novas tecnologias. A questão é que a história parece estar um passo atrás – não apenas em relação à pesquisa científica, mas em relação aos modos de popularizar a história.

Se você pergunta sobre questões mais amplas de pesquisa, então o quadro é completamente diferente. A ciência e a tecnologia já estão transformando as humanidades e a pesquisa social de modo muito mais amplo do que obtenção de fac-símiles digitais de documentos em arquivos – e talvez de modo mais profundo do que o potencial transformador dos *big data*. Em relação à história, meu argumento é próximo das ideias de John McNeill (2016), especialmente tendo em vista que as novas tecnologias e os novos modos de pesquisa científica encaram o passado dos mundos humano e natural de novas formas e por meio de novos recursos, gerando tipos de evidência que os historiadores ainda não tem expertise para avaliar. McNeill destaca a microbiologia e a genética. Ademais, Julia Adeney Thomas (2014) aborda o primeiro ponto, inclusive, junto ao lugar da profissão na *American Historical Review*. Quanto ao segundo ponto, Jerome de Groot (2021) publicará um pequeno ensaio em um capítulo de uma coletânea que estou organizando com Lars Deile sobre o atual desenho da compreensão histórica. Ele argumenta que o arquivo de DNA está sendo gerado hoje em contextos institucionais e comerciais que os historiadores ainda precisam entender: eles ainda precisam desenvolver metodologias para que consigam lidar com arquivos genéticos e desenvolver um tipo de compreensão que os capacite a entender as informações. Novamente, esses são apenas alguns exemplos de um desafio mais amplo que ainda estamos tentando compreender. E o desafio, sem dúvida, não é confinado à história. Por exemplo, ficando na questão da genética, podemos ver a emergência do sociogenoma (BLISS, 2018). Estamos começando a desenvolver

uma expertise que agrupa campos do saber até então separados, indicando um regime de saber transdisciplinar que mencionei anteriormente e ao qual dediquei mais atenção em outro texto (SIMON, 2020). Isso significa não apenas a junção de disciplinas das ciências naturais e das humanidades, como no caso das ciências do sistema Terra e nas humanidades ambientais, mas formações de saberes que agrupam a expertise das ciências naturais e humanas.

É desnecessário dizer que, se esse processo ocorrer em larga escala, nossas epistemologias disciplinares serão substituídas por epistemologias mais alinhadas aos entrelaçamentos entre fenômenos humanos e naturais. Assim, precisamente porque a transformação das nossas formações de saber ocorre hoje em todos os lugares e de muitas maneiras, a amplitude do desafio geral ainda permanece incompreensível. Quando ninguém tem uma visão de conjunto sobre os potenciais modos de transformação a partir da intersecção entre o social, o natural e o tecnológico, ninguém pode de fato ter uma visão clara a respeito de como essas mudanças afetam nossos modos de produção do saber.

Agradecimentos

Nossos agradecimentos a Sinmi Akin-Aina, que fez a revisão gramatical da conversa original, toda em inglês, e auxiliou com o *proofreading*.

Referências

ASSMANN, Aleida. **Ist die Zeit aus den Fugen?** Aufstieg und Fall des Zeitregimes der Moderne. München: Hanser, 2013.

BLISS, Catherine. **Social by Nature:** The Promise and Peril of Sociogenomics. Stanford: Stanford University Press, 2018.

DE GROOT, J. The DNA Archive. In: SIMON, Zoltán Boldizsár; DEILE, Lars. **Historical Understanding:** Past, Present, Future. London: Bloomsbury, 2021 (no prelo).

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Our Broad Present: Time and Contemporary Culture**, New York: Columbia University Press, 2014.

HARTOG, François. **Regimes of Historicity: Presentism and Experiences of Time**. Trad. Saskia Brown. Nova York: Columbia University Press, 2015.

JORDHEIM, Helge “Introduction: Multiple Times and the Work of Synchronization”. **History and Theory**, v. 53, n. 4, p. 498–518, 2014.

McNEILL, John. “Historians, Superhistory, and Climate Change”. In: JARRICK, A.; MYRDAL, J.; BONDESSON, M. W. (eds). **Methods in World History: A Critical Approach**. Lund: Nordic Academic Press, 19–43, 2016.

RIGNEY, Ann. “When the Monograph is no Longer the Medium: Historical Narrative in the Online Age”. **History and Theory**, v. 49, n. 4, p. 100–117, 2010.

ROSA, Hartmut. **Social Acceleration: A New Theory of Modernity**. Trad. Jonathan Trejo-Mathys. Nova York: Columbia University Press, 2013.

SIMON, Zoltán Boldizsár. **History in Times of Unprecedented Change: A Theory for the 21st Century**. London: Bloomsbury, 2019a.

SIMON, Zoltán Boldizsár. “The Story of Humanity and the Challenge of Posthumanity”. **History of the Human Sciences**, v. 32, n. 2, p. 101–120, 2019b.

SIMON, Zoltán Boldizsár. **The Epochal Event: Transformations in the Entangled Human, Technological, and Natural Worlds**. Cham: Palgrave, 2020.

TAMM, Marek; SIMON, Zoltán Boldizsár. “More-than-Human History: Philosophy of History at the Time of the Anthropocene”. In: KUUKKANEN, Jouni-Matti (Ed.). **Philosophy of History: Twenty-First-Century Perspectives**. London: Bloomsbury, 2020. (no prelo)

THOMAS, Julia Adeney. “History and Biology in the Anthropocene: Problems of Scale, Problems of Value”. **American Historical Review**, v. 119, n. 5, p. 1587–1607, 2014.

Transições

Centro Universitário Barão de Mauá

<https://doi.org/10.56344/2675-4398.v1n1a2020>



Title

Runaway futures, technology and the collapse of understanding in times of unprecedented change: an interview with Zoltán Boldizsár Simon

Editor

Felipe Ziotti Narita*

Year

2020

Reference

SIMON, Zoltán Boldizsár; NARITA, Felipe Ziotti. Runaway futures, technology and the collapse of understanding in times of unprecedented change. **Transições**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, 2020.

* Felipe Ziotti Narita received a postdoctoral training in the Social Sciences at the University of São Paulo (USP) and Federal University of São Carlos (UFSCar) and a Ph.D. in History from São Paulo State University (Unesp), where he is a lecturer in Public Policy. He is associate researcher at the São Paulo Research Foundation (Fapesp) and assistant professor at the Baron of Mauá University. Researcher of the research group Historiar (National Council for Scientific and Technological Development of Brazil, CNPq) and the Laboratory for the Study of Education of USP. Contact: felipe.narita@baraodemaua.br

RUNAWAY FUTURES, TECHNOLOGY, AND THE COLLAPSE OF UNDERSTANDING IN TIMES OF UNPRECEDENTED CHANGE

An interview with Zoltán Boldizsár Simon

Editor: Felipe Ziotti Narita

ZOLTÁN BOLDIZSÁR SIMON

Zoltán Boldizsár Simon is a research fellow at Bielefeld University (Germany) and assistant professor at Leiden University (Netherlands). He has recently been working at the intersection of historical thinking and societal challenges posed by technology and the Anthropocene in the contemporary world. His recent publications include *The Epochal Event* (Palgrave, 2020), *History in Times of Unprecedented Change* (Bloomsbury, 2019) and *Os teóricos da história tem uma teoria da história?* (Milfontes, 2019). The interview was organized and translated by Felipe Ziotti Narita.



Felipe Ziotti Narita: “Unprecedented change,” disruption and disruptive times – that feature in a central role in your book *History in Times of Unprecedented Change* (2019a) – are often used as marks of the strong sociotechnical transition of our times. The phrases in your book also express a kind of suspension and even future disorientation: instead of promises of emancipation contained in the ideologies of social evolution and progress (that dominated social imagination between the late 18th and the 20th centuries), the ideas of disruption and unprecedented changes open up a future that looks much more indeterminate and even frightening. What does it mean to live in a time of unprecedented change?

Zoltán Boldizsár Simon: It's hard to pinpoint the exact content of living in times of unprecedented change. Precisely because each day there seems to be a new kind of novelty, claiming to fundamentally uproot our previously held beliefs, and oftentimes our entire worldview. Digital technologies, AI, prospects of brain emulations, bioengineering and synthetic biology, the Anthropocene and anthropogenic changes in the Earth system, and many other prospects seem to defy all our belief systems and the reach of our concepts through which we make sense of the world. Each of these represent far more radical prospects and novelties than the exhausted political ideologies we inherited from the 19th century could ever imagine. In our scholarly projects, we typically try to make sense of them and their societal underpinnings one by one. And because we struggle to grasp the challenges even separately, we can hardly conceive of the complexities arising out of their interactions.

The word “unprecedented” is all around to describe such novelties – just listen to the news or the feed in your social networking sites. What I tried to do is to enhance the word into a concept – that of “unprecedented change” – in order to capture a mode of experiencing time and expecting today, and thus a mode of conceiving ourselves as historical in a new way.

Precisely because perceived radical novelty appears in so many shapes, I am less interested in the actual content of any individual novelty that claims to reconfigure our worldview, and much more in what binds all of them together. And it seems of course a big question to grapple with the sense of historicity of living in times of unprecedented change, but even this is only a tiny fraction of a larger picture that we don't understand. In the 21st century, we are realizing how profoundly we don't understand the world and what we created. And that's precisely what the notion of “unprecedented change” can capture: that the world overruns us, that it overruns our concepts and our means and modes of understanding. We are beginning to recognize that we witness

immense changes without being able to fathom what exactly those changes bring or mean.

Felipe Ziotti Narita: Since the 19th century, we perceive diffuse modes of acceleration of sociotechnical transformation. Alongside deep transformations in technology (transport, digital devices, communication structures, etc.) and social relations (family, gender, labor, etc.), the temporal structures of human relatedness and the regimes of change have also been reshaped. How do strong technological changes affect transformations in the temporal structure of contemporary societies?

Zoltán Boldizsár Simon: Well, if you ask about the temporal structure of contemporary societies, then I would say that the most spectacular transformation in this respect is the desynchronization of the temporalities underlying various domains of human endeavors. In the epilogue of the book I paid attention to one instance of such desynchronization, that of between the time of politics and the time of the ecological and technological prospects of unprecedented change. Desynchronization takes place today against the backdrop of the synchronized modern processes. Helge Jordheim (2014) recently showed how Western modernity was deeply engaged in synchronizing multiple temporalities through concepts such as that of “progress” or, for that matter, “history” itself. The historical process, at its largest, was supposed to unify and synchronize developments of the human world. Today, I think, regardless of whether we want it or not, we cannot even stand the chance to synchronize, because what we have are not processes with desynchronized different tempos as the otherwise insightful theory of social acceleration holds (ROSA, 2013), but desynchronized different kinds of changes, among which processual change (typically associated with historical time) is but one.

We have runaway emergent technologies with limited chances to assess their social implications after the fact. We have exponential change in computing power, which, if quantum computing becomes reality, becomes a sea change. Then, Earth system science tells us that we are facing abrupt changes in planetary conditions, due to our own doings. At the same time, rightly or not, we typically still make sense of these along telling developmental stories of how we get there, even though those developmental processes cannot account for the abrupt planetary changes themselves. Then there is the economic sphere, there are the social transformations, and so on. When modernity put technological changes to the service of political change – along ideologies with visions about what makes a good or desirable societal constitution – then the synchronization of change in the technological domain with visions of sociopolitical change brought about an effective complexity reduction. In today's condition of desynchronized temporalities, however, the complexity is out of leash. We see that all these desynchronized domains interact, but we struggle with comprehending how the interaction takes place.

This leads back to my previous point: we declare bankruptcy in fathoming what's going on. And this bankruptcy is actually the bankruptcy of our knowledge regime, inherited from modernity, in which disciplines had a certain distribution of work, each investigating a slice of a synchronized whole. But such disciplinary knowledges cannot comprehend the complexities of the interacting desynchronized domains, especially when it comes to the collision of the human and the natural worlds in anthropogenic planetary changes and their feedback loop on societal transformations. I think that we are witnessing an ongoing rearrangement of knowledge as a response to these complexities. We are learning to cope with them, with new knowledge formations, such as Earth system science integrating many natural scientific disciplines, or environmental humanities bringing together many former humanities and social scientific disciplines. From their

respective viewpoints, both are trying to understand the entanglement of the natural and the human worlds through technology. But even such knowledges may be still too much indebted to the modern distinction between *Naturwissenschaften* and *Geisteswissenschaften*. Can that be overcome? Can we have knowledges that understand the complexities of human-nature entanglements? Some of these questions about the rearrangement of knowledge I raise also in a second book entitled *The Epochal Event* (2020), coming out these days.

Felipe Zioti Narita: But what does this rearrangement of knowledge mean for history? The humanities, as a research field established since the late 18th and the early 19th century, depends on a historical conception of the human grounded in some distinctive features (language, labor, morality, body and history). It is the Foucauldian empirical-transcendental double, which is to say, the human being is simultaneously a subject and the condition of possibility of an object of knowledge. You have been arguing for a new notion of history that displaces some classical assumptions of the humanities. How does your proposal address the relatedness of the human with nonhuman milieu, especially with the pervasive logics of automation and technology in contemporary lifeworld?

Zoltán Boldizsár Simon: Indeed, together with Marek Tamm, we have been trying to address the question of what all this means for history and historical thinking as boiled down to a new notion of history (TAMM; SIMON, 2020). We tried to understand the human-nonhuman relatedness you mention, and again, to somehow indicate that the Anthropocene, the critical posthumanism of humanities, the transhumanist project of enhancement and beyond, the discourse on technological singularity, and so on, do not represent separate challenges. We tried to place technological change within this larger picture of a rapidly changing overall worldview, to see how it demands us to rethink

history on the largest scale. That's also why we teamed up. You can be a genius, a polymath, or a great synthesizer of knowledges, but you just physically cannot keep track of all these changes – for sure not to an extent of profundity comparable to joint work. You need to collaborate today, even in the humanities, and find a good balance between relying on the work of your fellows and challenging received views. This is how we ended up joining forces with Marek and arguing for the notion of history that we think can tackle the overall challenge, a notion of history that is multispecies, multiscalar, and non-continuous.

Felipe Ziotti Narita: You argued that technological change demands us to rethink history and maybe even construct a broader notion of history itself. Since the 2000s, many debates about a presentist era have emerged in the humanities. The inflated present would be a sign of the erosion of traditional values (passadism) and the crisis of utopias since the 1980s (futurist political projects). Instead of an inflated present, are we moving towards new utopias and future-oriented visions grounded in technology? Can this utopia turn a new dystopia?

Zoltán Boldizsár Simon: These are many complex questions at once. Let me begin with presentism. Aleida Assmann (2013) and Hans Ulrich Gumbrecht (2014) have developed fascinating insights in this respect, but I personally find François Hartog's views the most elaborate (HARTOG, 2015). This does not necessarily mean agreement, but I was lucky enough to have the chance to discuss many things with him during the two months he spent in Bielefeld as the first Koselleck-professor in 2018.

The idea of presentism is inseparable from Hartog's category of "regimes of historicity," referring to configurations of past, present, and future. Presentism, according to Hartog, is the reigning regime of historicity in the Western world, one in which the present dominates over the past and the present. Since about the 1980s, it

is overtaking the reign of a future-oriented modern regime of historicity. I have a complex relationship to this idea. To begin with, I find it illuminating concerning the political domain, where the future indeed ceased to structure experiences of time. Ideologies aiming at sociopolitical betterment against a background assumption of a historical process loomed large in Western modernity, but their appeal is lost. As “historical” ideologies, they are dependent on the idea of a future-oriented historical process structuring experiences, which looks far less feasible today. Hartog thinks that discourses of memory and heritage (with respect to the past) and precautionary thinking (with respect to the future) filled the place of a future-oriented historicity, and I tend to agree with him on how this rearranges the sociopolitical domain. But I don’t see how the overall regime of historicity would be presentist today. I think, and in the first book I spend quite a lot on this, that runaway technological and ecological prospects entail a future more radical than ever. The radicality of such future lies, to a large extent, in their posthistorical character: they do not come about as results of a historical process, and they do not aim at sociopolitical betterment. The typical framework to discuss technological, ecological, and environmental futures is, as you note, indeed dystopian. It seems now tremendously easy to launch catastrophes on ourselves by runaway technologies, in an instant even. And that really does not look anything like a historical process slowly heading towards better ways of living together. Some prospects, however, still appear utopian to their advocates. Transhumanism, for instance, comes out as betterment for those who would escape their biological limitations. Some versions of transhumanism are even explicitly politically oriented and try to link to past ideologies. Yet their primary aim is biological transformation, that’s what defines them, and everything else comes afterwards. What I usually point out in this respect is that there is an extent to which even these prospects, although utopian in their self-perception, are inherently dystopian. I do not doubt that remnants of utopian thought are still with us, but I see a

structural transformation of utopian thought, in which it escapes the sociopolitical realm and becomes inherently dystopian due to fact that the changes it envisions are unfathomable to our limited human cognitive abilities.

Felipe Zioti Narita: Transhumanism is a good example on the relationship between technological change and contemporary historical sensibility, at least in its most prominent authors like Nick Bostrom and Mark O’Connell. They claim for the potentiality of the emerging technological devices as forms of applied reason for something beyond and better than the human condition and its inner limitations. It seems, thus, that transhumanism introduces processes that are not properly conceived as developmental change, like historical stages and cumulative processes (modernization), right?

Zoltán Boldizsár Simon: Yes, with a crucial modification. Even you phrase your question by referring to processes introduced by transhumanism, which clearly testifies how deeply rooted the assumption is that historical change happens through developmental processes. What I try to emphasize by pointing at the transhumanist vision of the future is that when it aims at delivering a condition that it not simply a better human condition but one that is better-than-human, then it is directed at a future other-than-human. And inasmuch as the future is other-than-human, we have a clear disconnection between the human past and the other-than-human future. You cannot tell a historical narrative of a developmental process that leads from one to the other because the change is not a change in the condition of a subject. Transhumanist futures are not developments in the condition of a human subject; they imagine the supersession of the human subject by another subject (Simon 2019b).

When you write a history in the modern mode, then you write the history of something, and that “something” stands for any possible

subject. You tell how that subject developed over time, but you preserve an extent to which you recognize that subject throughout its entire course of development. This is the point at which the radicality of the transhumanist future kicks in: its other-than-human subject cannot be recognized as a continuation of the previous human subject. I hope it's more or less clear what I mean, because typically even transhumanist themselves do not understand sufficiently what they are up to. They keep on branding themselves as simply taking forward the project of the Enlightenment. But the bringing about of an other-than-human condition – even if we, humans, conceive of it as better in one sense or another – could not possibly be farther away from Enlightenment ideals of perfecting an already assumed and always recognizable human essence.

Felipe Ziotti Narita: In the wake of the pervasive effect of digital technologies, platforms and networks, we have been discussing digital humanities and the way we do research in the field. As a last question: how do you envisage the epistemological developments and the challenges for research and teaching humanities and social sciences amidst this sociotechnical change?

Zoltán Boldizsár Simon: That's a very difficult question and there is an entire scholarly field devoted to exploring it. I wouldn't claim any expertise in digital humanities, so what I can share is my general impression on the adoption of recent technologies in research in history in particular and in the humanities in general. To begin with, the humanities seem to be conservative in this respect as compared to the sciences – and even as compared to the social sciences. If you focus only on small questions such as new forms of publishing or peer-review as accommodated to digital technologies, innovations typically happen in scientific publishing. And history is likely one of the humanities disciplines that typically

are not at the forefront of pushing novelties. When ten years ago Ann Rigney (2010) wrote the article “When Monograph is no longer the medium,” she probably didn’t think that ten years later the monograph still reigns and you are simply not taken seriously without a monograph in historical scholarship (not to mention that such a monograph still dominantly means a printed book). Other disciplines may be more responsive and there are of course many ways in which humanities scholarship is immensely transformed by new technologies. It’s only that history seems to lag behind – not only behind scientific research but also behind popular modes of history.

If you ask larger-scale questions about research, then the picture is completely different. Science and technology are already transforming humanities and social scientific research in ways that mean much more than taking digital photographs of documents in the archives – and perhaps in ways even more profound than the transformative potential of big data. With respect to history, what I mean is more like what John McNeill (2016) points out, namely, that new technologies and new modes of scientific research address the past of the human and the natural worlds in new ways by new means, generating kinds of evidence that historians have no expertise of consulting as of yet. McNeill focuses especially on microbiology and genetics. What’s more, Julia Adeney Thomas (2014) addressed the former issue even in the main venue of the profession, in the *American Historical Review*. As to the latter, Jerome de Groot (2021) will have a short essay about it in a chapter for an upcoming volume on the current shape of historical understanding I co-edit with Lars Deile. He will argue that a DNA archive is being generated today in institutional and commercial contexts that historians are yet to come to terms with: they are yet to develop the methodologies to be able to engage with such a genetic archive and yet to develop the kind of understanding that enables them to make sense of such information in the first place.

Again, these are only but a few examples of a larger challenge that we struggle to comprehend. And the challenge is of course not confined to history. For instance, remaining with the issue of genetics, you can also see the emergence of sociogenomics (BLISS, 2018). We are beginning to develop expertise that brings together previously separated fields of knowledges, gesturing towards a transdisciplinary knowledge regime that I mentioned earlier and I deal with more extensively elsewhere (SIMON, 2020). And this means not only the coming together of disciplines of a natural scientific or a humanities platform respectively as is the case mostly with Earth system science and environmental humanities, but also knowledge formations that bring together expertise from the natural and the human sciences. Needless to say, should this happen on a large scale, our disciplinary epistemologies will be replaced by epistemologies attuned to investigate the entanglement of human and natural phenomena. Yet, precisely because the transformation of our knowledge formations happen all around us today in incredibly many ways, the overall challenge remains largely ungraspable. When no one really has the overview of all potential modes of transformation at the intersection of the social, the natural, and the technological, no one really can have the clear overview of how all these changes affect our modes of knowledge production.

Acknowledgement

We thank Sinmi Akin-Aina for helping with the read-through and grammatical edits.

References

ASSMANN, Aleida. **Ist die Zeit aus den Fugen?** Aufstieg und Fall des Zeitregimes der Moderne. München: Hanser, 2013.

BLISS, Catherine. **Social by Nature:** The Promise and Peril of Sociogenomics. Stanford: Stanford University Press, 2018.

DE GROOT, J. The DNA Archive. In: SIMON, Zoltán Boldizsár; DEILE, Lars. **Historical Understanding: Past, Present, Future**. London: Bloomsbury, 2021 (no prelo).

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Our Broad Present: Time and Contemporary Culture**, New York: Columbia University Press, 2014.

HARTOG, François. **Regimes of Historicity: Presentism and Experiences of Time**. Trad. Saskia Brown. Nova York: Columbia University Press, 2015.

JORDHEIM, Helge “Introduction: Multiple Times and the Work of Synchronization”. **History and Theory**, v. 53, n. 4, p. 498–518, 2014.

McNEILL, John. “Historians, Superhistory, and Climate Change”. In: JARRICK, A.; MYRDAL, J.; BONDESSON, M. W. (eds). **Methods in World History: A Critical Approach**. Lund: Nordic Academic Press, 19–43, 2016.

RIGNEY, Ann. “When the Monograph is no Longer the Medium: Historical Narrative in the Online Age”. **History and Theory**, v. 49, n. 4, p. 100–117, 2010.

ROSA, Hartmut. **Social Acceleration: A New Theory of Modernity**. Trad. Jonathan Trejo-Mathys. Nova York: Columbia University Press, 2013.

SIMON, Zoltán Boldizsár. **History in Times of Unprecedented Change: A Theory for the 21st Century**. London: Bloomsbury, 2019a.

SIMON, Zoltán Boldizsár. “The Story of Humanity and the Challenge of Posthumanity”. **History of the Human Sciences**, v. 32, n. 2, p. 101–120, 2019b.

SIMON, Zoltán Boldizsár. **The Epochal Event: Transformations in the Entangled Human, Technological, and Natural Worlds**. Cham: Palgrave, 2020.

TAMM, Marek; SIMON, Zoltán Boldizsár. “More-than-Human History: Philosophy of History at the Time of the Anthropocene”. In: KUUKKANEN, Jouni-Matti (Ed.). **Philosophy of History: Twenty-First-Century Perspectives**. London: Bloomsbury, 2020. (no prelo)

THOMAS, Julia Adeney. “History and Biology in the Anthropocene: Problems of Scale, Problems of Value”. **American Historical Review**, v. 119, n. 5, p. 1587–1607, 2014.